



“Temos papel diminuto em contextos de destruição”

Maria Moita, vencedora do Prémio Fernando Távora

Trabalhar projectos de desenvolvimento em contextos de destruição é o tema da proposta distinguida com o Prémio Távora.

Com viagem marcada para o Sri Lanka e Timor-leste, o Construir foi conhecer um pouco mais esta proposta em conversa com a sua autora, Maria Moita

Ana Rita Sevilha

“A proposta de Maria Moita honra a obra de Fernando Távora”, disse o júri do concurso. O que significa para si esta frase e ter ganho este prémio?

Maria Moita: Para mim tem um especial significado porque fui aluna do arquitecto Fernando Távora. Fiz o curso no Porto, o arquitecto Fernando Távora era professor logo do primeiro ano, e as aulas dele eram muito baseadas nas suas experiências de viagens. Foi uma pessoa que viajou muito, e aquilo que nos ensinava era muito baseado em exemplos e experiências por esse mundo fora. Para mim foi muito bom, interessante, e fico muito gratificada por o júri achar que a minha proposta honra uma memória que eu tenho muito presente, que eram as viagens do arquitecto Fernando Távora.

O que a levou a enveredar por este caminho e a escolher este tema?

Iniciei este percurso depois de ter terminado o curso, no Porto, em que trabalhei com vários arquitectos tanto no Porto como em Lisboa. Posteriormente surgiu a oportunidade de ir para Timor-leste por três meses, mas



João Reis

acabei por ficar um ano. Essa foi uma experiência que me marcou imenso, tanto pelo país em si, que é fantástico, pelas pessoas com quem trabalhei e convivi, mas principalmente pelo tipo de arquitectura que se pode e deve fazer, e melhor ainda, que está por fazer. Não sei se posso dizer que está na totalidade por fazer porque existem pessoas a trabalhar nesse campo. Contudo, eu não estava, e essa experiência despertou-me o interesse para trabalhar no âmbito do desenvolvimento. Quando regresssei a Portugal achei que era por aí que queria apostar no meu futuro, e então fui fazer um mestrado em Desenvolvimento no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), que foi muito interessante e onde aprendi muito. Em Portugal, não há ainda um curso académico que junte arquitectura e desenvolvimento, que é uma coisa que já existe em Espanha, em organizações não governamentais como os “Arquitectos Sem Fronteiras”, mas que cá em Portugal é uma área que está agora a arrancar ou que é pratica-

Só a partir do momento em que se tem um abrigo é que se pode partir para um desenvolvimento económico

mente inexistente. Portanto eu tive de abrir sozinha o meu caminho, e então fui fazer esse mestrado, fui a primeira arquitecta a fazê-lo e estou actualmente a tentar fazer o cruzamento entre as duas disciplinas, a arquitectura e o desenvolvimento, é esse o meu objectivo.

A determinada altura do seu texto justificativo diz que os arquitectos têm um papel diminuto nos contextos caracterizados pela destruição, muitas vezes resultante de catástrofes. Porque?

Esse é um problema geral da arquitectura. Os arquitectos têm um papel diminuto em qualquer lugar do

mundo. Em particular, pensando nos países de terceiro mundo e nos projectos de cooperação para o desenvolvimento, o que acontece é que toda ou muita da cooperação funciona com base em projectos e muitas vezes esses projectos passam pela construção de infra-estruturas, habitações, etc, e na maioria dos casos não são os arquitectos que são chamados para desenhar esse tipo de edifícios, porque acham que é um luxo ter um arquitecto a desenhá-los, acham desnecessário e que o projecto não pode comportar o luxo de ter um arquitecto. Logo, muitas vezes são engenheiros, construtores, e desenhadores, que fazem quatro paredes e um tecto e acham que já têm um belo edifício.

E não acontece o contrário. O arquitecto não quer fazer esse tipo de arquitectura e procurar uma arquitectura de autor?

Sim. Mas há muita gente, fora de Portugal, a trabalhar e interessada nesta arquitectura. Mas realmente em Portugal não conheço ninguém, aliás





acham pouco interessante este tipo de trabalho. O que é precisamente o contrário. Nestes contextos existe um território onde a necessidade é absoluta, e ali mais do que em qualquer lado é necessária a arquitectura, e a arquitectura não é um luxo, mas sim uma mais-valia (que é o que tento passar com a minha proposta), que pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

É o resultado do meu percurso. Eu estou a elaborar uma tese, e a proposta ao Prémio Távora é uma visita de estudo ao Sri Lanka e a Timor-Leste. Porquê estes dois sítios? O Sri Lanka com o tsunami foi completamente destruído e é um sítio onde houve sucesso na reconstrução das zonas afectadas, é um excelente sítio de estudo. Os tsunamis têm este paradoxo, são terríveis e uma tragédia mas ao mesmo tempo são uma experiência incrível ao nível



João Reis

No seu trabalho fala também de questões associadas à globalização. Esse pode ser um factor que contribuiu para esse papel diminuído?

Quando falo de globalização, é de facto aquela arquitectura que é visível, que é a arquitectura de autor. Cada vez mais temos obras fantásticas que marcam uma cidade, que transformam uma cidade num sentido quase identitário. Bilbao nunca mais foi a mesma coisa nem será. No outro dia o próprio Charles Correa dizia que os arquitectos o que actualmente mais querem é fazer museus, porque é um programa livre, não há restrições e podem dar largas à sua criatividade e autoria. Aquilo que me parece é que essa arquitectura não cabe nestes contextos, não faz grande sentido, poderá eventualmente acontecer, mas por exemplo, em Maputo não faria grande sentido estar a construir uma Casa da Música quando ao lado o problema da habitação é tão esmagador, é tudo uma questão de contextos.

Como explicaria a sua proposta?

da reconstrução e do que é a intervenção da arquitectura numa resposta rápida a um problema tão grave como este. O Sri Lanka configura-se como um "case study" muito interessante para se perceber estes níveis de intervenção. Timor-leste foi um sítio onde trabalhei, no âmbito do processo de reconstrução de escolas, mas por várias questões, nomeadamente políticas entre Portugal e a Austrália, éramos vários arquitectos portugueses integrados numa equipa internacional e fomos dispensados, ou seja, não acompanhámos a construção das escolas, nunca vimos aquilo que preparamos e que ajudámos a concretizar, nunca vimos o resultado. No fundo eu quero ir aferir qual o impacto que tiveram as nossas escolas nas comunidades mais remotas.

O objectivo da viagem é a compilação de um documento final, que moldes terá este documento e o que pretende conseguir com ele?

Será a minha tese de mestrado. Em primeiro lugar será para meu próprio





Foto Reis

Com base na minha experiência e investigação, aquilo que eu espero, acredito, e que acho que é possível, é que uma vez que a habitação nestes contextos é quase uma necessidade básica para os seres-humanos a importância do arquitecto é muito importante

conhecimento e aprendizagem, e depois para um projecto futuro no qual eu gostaria muito de apostar e que consiste na formação de arquitectos em Portugal para intervirem em contextos de desenvolvimento. E a minha tese, agora com esta oportunidade de fazer a viagem e com a ilustração de casos práticos, pode eventualmente ter esse rumo.

Antecipando um pouco a viagem e baseando a sua resposta na sua experiência, de que forma acha que os arquitectos podem contribuir para melhorar a qualidade de vida das pessoas e servir de motor para o desenvolvimento pessoal, económico e social?

Com base na minha experiência e investigação, aquilo que eu espero, acredito, e que acho que é possível, é que uma vez que a habitação nestes contextos é quase uma necessidade básica para os seres-humanos a figura do arquitecto é muito importante. Só a partir do momento em que se tem um abrigo é que se pode partir para um desenvolvimento económico, e só depois se pode ir subindo patamares. Há uma experiência muito interessante no Bangladesh, onde há medida

que foram subindo os patamares foram percebendo que podiam melhorar a sua casa, e melhorar o seu espaço habitável. Portanto, quando digo que a arquitectura pode ser um motor no desenvolvimento económico, pessoal e social, é com base nisso.

Como é que se trabalha/projecta em confronto com a escassez económica, técnica, material, política, social e científica?

É um desafio e tem de ser encarado de uma forma diferente. Fazer arquitectura nestes sitios não pode ser visto nem pensado da mesma maneira, as permissas são outras, as expectativas, o conhecimento e as necessidades para quem vamos construir são completamente diferentes. A própria formação, os seus imaginários, é outra coisa. E precisamente como se trata de um meio com uma grande profundidade de escassez tem de se apostar nos materiais e técnicas locais, porque aí os custos são necessariamente mais baixos. Estamos a capacitar aquelas pessoas, a dar-lhes uma mais valia na sua própria formação para depois continuarem. ■